

O papel das universidades católicas na construção do Pacto Educativo Global

» ROGÉRIO RENATO MATEUCCI

Pedagogo de formação e doutor em administração, liderança e políticas de educação pela Fordham University, de Nova York. É reitor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Uma união de esforços para formar pessoas maduras e capazes de superar a fragmентаção e a oposição caminhando lado a lado rumo à reconstrução do tecido das relações para uma humanidade mais fraterna. De forma bastante simplificada, esse é o objetivo do chamado feito pelo papa Francisco em setembro de 2019 para o desenvolvimento de um pacto educativo global voltado a "reavivar o compromisso para e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de ouvir com paciência, de diálogo construtivo e de compreensão mútua".

Para chegar a tal objetivo, precisamos da adesão de toda a sociedade em prol de uma educação humanista, das instituições, igrejas e governos em todos os níveis. E as universidades, é claro, exercem papel fundamental nesse cenário. Importante destacar que uma universidade é, antes de tudo, um agente social. Isso significa que ela está inserida nos contextos e é influenciada pelas demandas e anseios da sociedade onde ela também é chamada a oferecer soluções e orientações, tanto no campo científico quanto nos campos ético e político.

Assim, toda universidade tem como vocação a acolhida dessas demandas, sua compreensão e análise crítica e a consequente sugestão de caminhos que conduzam ao bem-estar. Toda universidade católica assume essa vocação — e por conta de sua natureza eclesial, isso fica ainda mais evidente. Numa instituição católica de ensino superior, o conhecimento está a serviço da realização plena de cada ser humano em sua dignidade e vocacionado, ele mesmo, para o bem.

Devemos afirmar que uma universidade católica é, constitutivamente, "universidade" e "católica", ou seja, trata-se da atuação pedagógica da Igreja que evangeliza e promove a vida. Ainda, todo ato educativo traz, subjacente a si mesmo, uma antropologia, no sentido de que cada ato de educar é a expectativa de potencialização do humano. No que diz respeito à educação cristã, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) alertava, em seu Documento 47, "Educação, Igreja e Sociedade" que "como toda proposta educativa, também a visão cristã da educação supõe e contém uma determinada concepção do ser humano". Nessa conjuntura, devemos compreender que a visão cristã da educação é o primeiro fundamento para uma prática também cristã da educação.



Necessário também falar sobre a vida comunitária. Diante do individualismo que consome a nossa sociedade, é tarefa da Igreja promover uma educação por meio da qual se evidenciem as relações como uma verdadeira comunidade, com clima familiar e acolhedor, que pode ajudar a superar os momentos de desorientação e de desânimo.

Ademais, a educação católica assume, como elemento fundamental, a dimensão humana da pessoa, potencializando seu desenvolvimento integral. Assim, prioriza o amadurecimento das capacidades humanas, a educação de atitudes e de experiências fundamentais e a proposta de valores que possibilitem a maturidade pessoal, lembrando sempre que, num mundo plural, o desafio da compreensão da identidade e sua postura dialogante é indispensável. Na educação católica, portanto, o processo educativo da Igreja deve estar aberto ao diálogo.

Por fim, saliente-se o foco na cultura do encontro. Em uma sociedade multicultural e multirreligiosa, a educação e a evangelização são impactadas pelo desafio do encontro. Sim, somente uma cultura do encontro possibilita que o ser humano seja mais. Diante disso, não nos basta uma "simples administração", muito menos uma atuação que consista, em grande parte, num posicionamento ensimesmado. Essa postura se revela insuficiente em nossa sociedade.

O primordial em um encontro está não apenas em conhecer, mas procurar ouvir as pessoas, estar com elas, envolver-se. Para que isso ocorra, é preciso acreditar no outro, crer que ele vai me ajudar a crescer e viver plenamente. Esse desafio exige uma profunda atenção à vida e uma sensibilidade espiritual. Dialogar significa estar convencido de que o outro tem algo de bom para dizer, aceitar o seu ponto de vista, suas propostas. Promover o diálogo não significa desistir das ideias e tradições, mas aceitar sermos "transpassados" e, consequentemente, transfigurados pela presença do outro.

Nossa educação, nesse sentido, deve se pautar pelo encontro. Para que isso ocorra, o Pacto Educativo Global é um caminho. No lançamento do pacto, o papa Francisco considerou que a educação é uma "semente da esperança" para a construção de uma civilização de harmonia, onde não haja lugar para a terrível pandemia da cultura do descarte. Dessa maneira, deve-se observar nos horizontes da educação católica um convite para nossa atuação. Promover a cultura do encontro, comprometendo-se com o Pacto Educativo Global, não é apenas uma decisão estratégica da universidade católica: é a sua missão.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.dj@abr.com.br

Feliz ano velho

Entre os muitos problemas que essas eleições vão criar, pelo seu alto poder de apartação, talvez o principal seja mesmo a catalisação do sentimento de antagonismo e de fracionamento da sociedade. Por seus efeitos profundos e duradouros, a atual disputa eleitoral, polarizada e até aquilada por seus próprios candidatos e partidários, poderá se revelar, num curto espaço de tempo, numa verdadeira vitória de Pírra, pelos prejuízos irreparáveis que essas posições extremadas trarão para os dois lados e por consequência, para todos os brasileiros.

Ganhar um país extremamente dividido significa, em outras linhas, vencer pela metade e tendo que governar sob o olhar crítico e até inamistoso de boa parte da população. Num cenário de desunião como esse, de nada adiantarão as encenações marqueteiras de pactos e de reconciliação propostos, uma vez que, por seus efeitos nefastos, o que se tem dessa vez é um nítido sentimento de ódio mútuo, que político nenhum, desses que aí estão presentes, conseguirá aplacar.

Vença quem vencer, o pódio de campeão estará no mesmo nível baixo do segundo colocado. Entender como todo esse movimento nos conduziu à essa estação de crise, talvez seja necessário apenas como exercício de retomada do caminho, analisando cada ação, para entendermos em que ponto do mapa nos desviamos da rota civilizatória.

De certo que seguir por mais quatro anos sob a sombra da polarização, custará ainda mais a todo país, adiando, mais uma vez, o tão esperado dia em que o gigante, deitado em berço esplêndido, vai acordar e encarar seu destino. É a tal da reforma ou remendo em pano velho, em que as mudanças estruturais nunca são realizadas, resumindo cada gestão em remendar pontos soltos da estrutura do Estado. O essencial, num país politicamente polarizado, jamais será feito, ficando as reformas necessárias, como a política, a administrativa, a tributária e outras, mais uma vez, lançadas para um futuro incerto e não sabido. O preço da polarização é alto e será cobrado do governo. O pior é se a saída para esse impasse do novo governo vir fantasiada de falsas reformas ou reforma de facharia, como temos visto até aqui.

No caso de vitória da oposição, o que virá é conhecido e reprovado. O reaparelhamento da máquina do Estado e o fim do teto de gastos é só o começo. As estatais, que até aqui sempre foram usadas como moeda de troca, desvirtuando suas funções e tornando-as um peso para o próprio contribuinte, voltarão a representar mais um ponto de preocupação. O retorno calibrado da política do tom lá dá cá e do presidencialismo de cooptação também.

A restauração do grande balcão de negócios dentro do Legislativo, por certo renascerá das cinzas, mais fortalecido, mesmo que medidas, como o fim do orçamento secreto prevaleça. A partir de 2023 o Brasil poderá comemorar mais um feliz ano velho, renovado com os votos de ampla anistia judicial concedido pelas altas cortes a toda a turma que agora ensaiava voltar a cena.

» A frase que foi pronunciada

"Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados."

Mahatma Gandhi

Silêncio e morte

» Parece que governantes de Brasília não se preocupam com a tradição da cidade. Escola de Música de Brasília, Aruc, Defer, Teatro Nacional, Biblioteca Demonstrativa, entre diversos outros exemplos. A última facada foi na Aruc. Mesmo reconhecida como patrimônio cultural imaterial do DF, é ameaçada de perder o terreno há muitos anos, e agora, foi interditada. Motivo: mais decíbeis que o permitido.

Voz por eles

» Mais de 60 países participarão da campanha "40 Dias pela Vida" rezando pelo fim do aborto. No Brasil a iniciativa acontecerá em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Campina Grande. "Esta campanha é baseada na fé e acreditamos que a batalha contra o aborto é espiritual e só a venceremos de joelhos", disse a coordenadora no Rio de Janeiro, Fátima Mattos em entrevista à imprensa.

Aberta

» Ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, Valdemar da Costa Neto, do PL, advogados de vários partidos e representantes de entidades fiscalizadoras e missões internacionais visitaram a sala de totalização de votos do TSE.

Enclausuradas

» Em passeio pela 305 Sul 50 anos depois o que mais impressiona é o silêncio. No início de Brasília a criançada brincava na quadra sem que os pais tivessem qualquer preocupação. A algazarra era ouvida de longe. Hoje, Brasília, outras capitais e até as cidades do interior estão tomadas com o perigo que tirou o ar livre das crianças.

» História de Brasília

Toda a cidade recebeu plantas. As cidades satélites, também. Mas o "avião" não recebeu uma única muda. Nenhum pé de grama foi plantado até agora. E, por coincidência, a terra é boa. É um dos poucos lugares de Brasília onde há árvores de grande porte!

(Publicada em 10/3/1962)

Sustentabilidade da indústria do aço: caminhos para a descarbonização

» ALEJANDRO WAGNER

Diretor executivo da Alacero, Associação Latinoamericana de Aço

Uma das principais matérias-primas do mundo, o aço está mais presente na vida do ser humano do que se pensa. Hoje, a cadeia de valor do setor siderúrgico na América Latina gera 1,3 milhão de empregos e é um importante indicador do desenvolvimento econômico de diversas regiões. Mas a indústria enfrenta um desafio muito importante: como promover a sustentabilidade?

Atualmente, 80% dos gases de efeito estufa (GEE) são provenientes da emissão de dióxido de carbono (CO_2) e, desse total, entre 7% e 9% são originários da siderurgia mundial. Embora a América Latina não ultrapasse 2,8% das emissões do setor, a região será uma das mais afetadas pelas mudanças climáticas. Portanto, uma das principais ações para mitigar o aquecimento global cada vez mais acelerado e promover um desenvolvimento econômico mais sustentável é avançar para um processo de descarbonização.

A América Latina tem uma vantagem: temos uma das produções de aço mais eficientes e sustentáveis do mundo. Para cada tonelada de aço produzida, as empresas latino-americanas emitem 1,6t CO_2 , valor inferior à média mundial de 1,8 tonelada, segundo a

worldsteel. Por sua vez, a China, maior produtora mundial da matéria-prima, emite 2,1t CO_2 , 31% a mais que a América Latina. Além disso, a região latino-americana possui condições naturais muito mais favoráveis para o uso e o desenvolvimento de energias sustentáveis.

Pensando nesse contexto, fica a dúvida: como gerar fontes de energia mais sustentáveis? Como descarbonizar a indústria do aço e caminhar para um futuro mais renovável? Pensando nessas duas questões, é preciso falar de três pontos importantes para investir a médio e longo prazo: (1) aumentar o uso da sucata, (2) energias renováveis e (3) gás natural.

O aço é um material 100% reciclavél, que pode ser usado e reusado diversas vezes, voltando como sucata. Maximizar o uso desse resíduo permite uma reciclagem maior do aço, tendo em vista que o processo terá zero pegada de carbono. A sucata, apesar de ser ótima no quesito da emissão de carbono, possui três etapas que não são tão simples de realizar: reconexão, separação do resíduo e a comercialização. Todas elas possuem custos variados e precisam de recursos e desenvolvimentos específicos para serem realizadas, por isso, a maximização do uso da sucata é

um projeto difícil de ser implementado (é preciso ser pensado a longo prazo).

Apesar de existirem opções para uma transição energética, ainda falta desenvolvimento de diversas partes envolvidas no processo. Além disso, é preciso investir nas energias renováveis, mas também no gás natural, que possui muito mais desenvolvimento e aplicação e pode servir como um combustível de transição, já que os países ainda não possuem todos os recursos necessários para o uso e a produção de energias renováveis. Portanto, o gás natural fica como um meio-termo entre o carvão vegetal e as energias renováveis, sendo uma alternativa mais viável para o atual estágio de desenvolvimento dos países.

A defesa comercial é o principal fator para a descarbonização. Nesse meio, os países, principalmente os da região da América Latina, precisam seguir o princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas, isto é, entender que todos têm um objetivo em comum, mas possuem realidades diferentes para alcançá-lo. Toda a cadeia, desde os produtores até os fornecedores e os compradores do aço, precisa estar alinhada e pensar em estratégias para caminhar juntos para a descarbonização.